vinetur

Costa Rica regista casta híbrida de uva para vinho adaptada a climas tropicais

A casta Peppevidor cruza uma videira autóctone com uma europeia e permite estudar a viticultura sem frio invernal

terça-feira, 3 de novembro de 2026



A Costa Rica registou uma nova casta híbrida de uva para produção de vinho em condições tropicais, um passo que poderá alargar a reduzida área vitícola do país e atrair a atenção de produtores que trabalham em climas quentes e húmidos.

A casta, denominada Peppevidor, foi criada por um agrónomo de 78 anos e foi apresentada na segunda-feira, 2 de novembro, pela Teletica como a primeira casta tropical desenvolvida na Costa Rica para a produção de vinho. Segundo a reportagem, resulta do cruzamento entre uma videira silvestre costarriquenha e uma videira europeia, e o seu registo contou com o apoio do Instituto Tecnológico de Costa Rica, conhecido localmente como Tecnológico de Costa Rica.

A principal característica destacada na reportagem é a adaptação da casta às condições tropicais. Ao contrário de muitas castas tradicionais, que dependem do frio invernal para completar a dormência e retomar o crescimento num ciclo previsível, a Peppevidor foi descrita como não necessitando de frio invernal. Esta característica é importante num país onde as zonas agrícolas de baixa e média altitude não oferecem o frio prolongado típico de regiões vitícolas consolidadas da Europa, da América do Norte ou do sul da América do Sul.

Esta limitação tem sido um dos principais obstáculos à produção de uvas para vinho em grande parte dos trópicos. As castas clássicas podem ter dificuldades quando as temperaturas se mantêm elevadas ao longo do ano e a humidade aumenta a pressão de fungos e outras doenças. Nestas condições, os viticultores enfrentam frequentemente um abrolhamento irregular, menor consistência no desenvolvimento dos frutos e custos de gestão mais elevados. Uma casta híbrida criada a pensar nas condições locais poderá ajudar a resolver parte do problema, embora o seu valor agronómico e comercial continue a depender do seu desempenho no terreno ao longo do tempo.

O registo dá à Costa Rica uma nova linha de material vegetal que poderá ser utilizada na investigação vitícola local e, potencialmente, na produção comercial em pequena escala. Para a indústria das bebidas, o desenvolvimento é relevante porque aponta para uma possível nova via de melhoramento para a produção de vinho em regiões tropicais. Se ensaios futuros confirmarem a resistência, a produtividade e a qualidade do vinho, a casta poderá servir de modelo a produtores que procuram uvas adaptadas a ambientes tropicais, em vez de dependerem apenas de frutos importados ou de castas selecionadas para climas mais frescos.

Ao mesmo tempo, o anúncio não responde às questões mais amplas que determinam se uma casta pode sustentar um setor vitivinícola viável. As novas castas precisam, em geral, de ser observadas durante vários anos em diferentes tipos de solo, altitudes e regimes de precipitação. Também necessitam de ser comparadas lado a lado com outras videiras, para avaliar a estabilidade da produção, a tolerância às doenças, a composição dos frutos e a qualidade dos vinhos produzidos. Na viticultura tropical, estes ensaios são especialmente importantes, pois o calor e a humidade podem afetar os níveis de açúcar, a acidez, os aromas e o momento da vindima.

A reportagem da Teletica não especificou a dimensão das plantações, os volumes de produção previstos nem o calendário para uma utilização comercial mais alargada. Também não apresentou resultados de provas nem dados técnicos de vinificação. Estas lacunas significam que o registo deve ser visto, antes de mais, como um marco científico e agrícola, e não como prova de que a Costa Rica está prestes a criar uma grande indústria do vinho.

Ainda assim, o projeto destaca-se por cruzar uma videira autóctone da Costa Rica com material genético europeu, numa tentativa de superar uma barreira climática que tem limitado a produção local de vinho durante anos. Esta abordagem reflete uma tendência mais ampla na agricultura, onde os programas de melhoramento se centram cada vez mais na adaptação a ambientes específicos, em vez de se limitarem a transferir castas já estabelecidas de uma região para outra.

Para a Costa Rica, a nova casta acrescenta uma opção nacional a um setor que tem dependido muitas vezes de castas desenvolvidas no estrangeiro para condições de cultivo muito diferentes. Para a viticultura tropical em geral, constitui um caso a acompanhar de perto, à medida que investigadores e produtores procuram uvas capazes de suportar o calor, a humidade e a ausência de frio invernal sem perder as qualidades necessárias para a produção de vinho.